

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 132 — Domingo, 18 de Dezembro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

COMEMORANDO O CENTENÁRIO de Mouzinho de Albuquerque

AS BATALHAS DE MOUZINHO EM ÁFRICA

II

LOGO que se avistou Chaimite, a pequena força europeia acelerou a marcha, mas a tropa negra só à força de espedeiradas foi possível fazê-la avançar. Dois soldados brancos caíram exaustos. A 10 minutos de povoação, Mouzinho ordenou que as «Guerras» formassem um cordão em volta dela, a uma distância de 100 metros. Só os brancos entrariam no recinto, defendido por uma forte palissada de metro e meio de altura. Dava-lhe ingresso uma única entrada de 40 cm. de largo. Mouzinho correu para esta estreita abertura, seguido dos europeus, não consentindo, porém, que ninguém lhe tomasse a dianteira. Após ele entraram o tenente Cos-

ta e Couto, dr. Amaral e 1.º tenente Sanches de Miranda. Os pretos de Gungunhana, apesar de armados de espingarda, acobardaram-se com a atitude decidida de Mouzinho e dos soldados portugueses, e fugiram para o interior das palhotas. E, continua o relatório acerca da prisão de Gungunhana: «este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distância (que maior não era a que me separava deles), teriam possivelmente morto todos os oficiais, os auxiliares teriam fugido logo e as praças brancas, sem ter quem as dirigisse, teriam sido provavelmente trucidadas pelos 250 a 300 pretos que depois vi que estavam den-

Pelo Dr. VERGÍLIO PASSOS

tro da povoação.»

Perguntando Mouzinho pelo Gungunhana, um negro indicou-lhe a palhota do régulo. Então, Mouzinho de Albuquerque, no meio de um silêncio absoluto, chamou-o em voz muito alta. Com um ar arrogante e desdenhoso, apareceu o régulo a quem Mouzinho imediatamente mandou atar as mãos atrás das costas por dois pretos, intimidando-o a sentar-se no chão, ao que Gungunhana tentou opor-se, sendo sentado à força.

E continua o relatório: No momento em que o famoso régulo foi obrigado a sentar-se no chão — o que nunca fazia — os auxiliares pretos encarregados do cerco à povoação, que nessa altura já se haviam aproximado, levantaram grande alarido, batendo com as azagaias nas rodela, em sinal de aplauso e espanto. O mesmo fizeram os pretos de Gungunhana. A algazarra era enorme.»

Mouzinho perguntou então pelos dois conselheiros mais importantes do régulo.

Queto e Manhume, a quem, depois de breves palavras exprobrando-lhes o procedimento desleal para com os portugueses, mandou fuzilar. Após estes dois fuzilamentos, desencana-

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

REPARAÇÃO DOS ESTRAGOS

CAUSADOS PELOS ÚLTIMOS

TEMPORAIS

Para reparação dos estragos causados pelos últimos temporais, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, as seguintes participações: 13.750\$00 e 41.250\$00 para construção do caminho municipal de Almada de Ouro à estrada nacional n.º 122, obra orçada em 55 contos, e 26.100\$00 para reparação de vias municipais em Alcoutim, obra orçada em 35.200\$00.

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

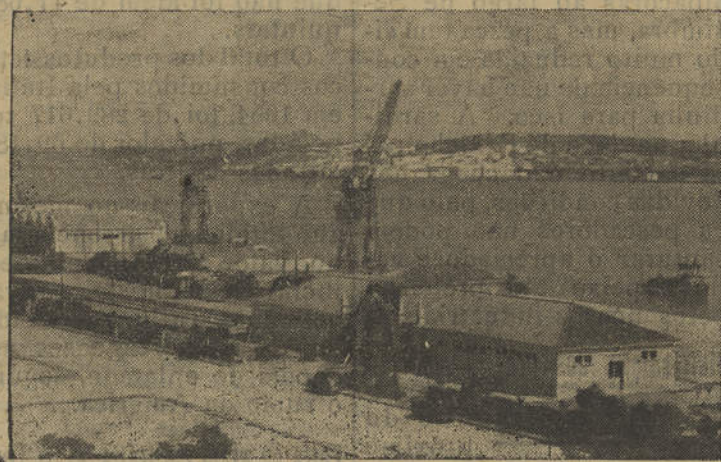
O PROBLEMA DO ENSINO TÉCNICO

NO nosso artigo sobre o problema do ensino técnico no Algarve cometemos um lapso involuntário, é claro — que não queremos deixar passar em claro. Quando nos lamentávamos do esquecimento a que o Sul tem sido votado no que respeita à difusão daquele ensino, não nos lembrámos que, posteriormente ao decreto n.º 36.409, tinham sido também criadas as escolas de Beja, em 1949 e a de Elvas, em 1953, além, naturalmen-

Virgílio Ferreira Fagulha

A fim de passar a quadra festiva do Natal com seus pais e assistir ao casamento de seu filho sr. dr. Jorge Oliveira Fagulha, seguiu para Paialvo, concelho de Tomar, o Director Escolar do nosso Distrito, sr. Virgílio Ferreira Fagulha.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



Porto Comercial de Vila Real de Santo António

AS LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS entre o Porto e o Algarve

POR mais de uma vez nos temos referido à miséria das ligações ferroviárias entre a capital e a nossa província, miséria que tanto prejudica a vida do Algarve quer no aspecto da comodidade quer nos aspectos turístico e económico.

A nós bastava-nos que se encontrasse solução para as comunicações entre Lisboa e o Algarve, mas

NATAL DO HOSPITAL A FAVOR da Misericórdia desta vila

Segundo anteriormente informámos, vai realizar-se no próximo dia 8 de Janeiro, a recolha de donativos a favor do Natal do Hospital da Misericórdia da nossa terra. Este simpático e louvável empreendimento é organizado, como nos anos transactos, pela «Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa» e tem o patrocínio duma comissão de pessoas de boa-vontade, desta vila, Hortas, Monte Gordo e Canela, cujos nomes publicamos oportunamente.

A concentração dos carros que tomam parte nela é feita à porta do referido hospital, esperando-se que este movimento de auxílio e solidariedade àquela benemérita instituição tenha do público o acolhimento generoso que merece, dados os seus fins de assistência altruista e benfazeja aos pobres do nosso concelho.

A MISSÃO DA POESIA

Por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

A RAZÃO de ser deste recital vou expô-la sucintamente nas palavras que preferir a seguir, e com ele e com os que pudermos realizar futuramente, se pretende divulgar, tanto quanto possível humanamente seja possível, as mensagens que os poetas modernos, verdadeiramente conscientes da sua missão como homens e como poetas, compenetrados da sua posição responsável perante o momento caracterizadamente histórico que nos domina, transmitem aos seus irmãos, os homens, tanto do presente como do futuro.

Tencionava o organizador deste recital incluir um depoimento sobre a poesia negra e algumas das suas produções, porque ela faz também parte do momento presente e é nele uma grande realidade, é uma certeza histórico-social de que as raças não conhecem distinções, porque a inteligência e a condição humana as despreza e ignora, por absurdas. Felizmente que esta questão é bem compreendida em Portugal, país onde todas as raças encontram um ambiente de simpatia e solidariedade, país cuja acção civilizadora pode ser tomada como exemplo no mundo inteiro.

Se nos for viável realizar outros recitais, procuraremos sempre apresentar poemas que tragam

agora verificamos, no prestigioso diário portuense «O Primeiro de Janeiro», que a gente do Norte igualmente manifesta aborrecimento contra o facto de não haver também comunicações rápidas entre a capital norte-nha e a nossa província.

Dêmos a palavra ao matutino do Porto:

As comunicações ferroviárias entre o Porto, ou melhor, entre o Norte do País e as províncias do Alentejo e do Algarve, apesar da aceleração da marcha dos comboios rápidos de algumas linhas, como a de Lisboa-Porto, continuam deficientes e morosas, com um horário cuja velhice tem mais de meio século. Parece impossível

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

ELEMENTOS CURIOSOS

PARA A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO ALGARVE redigidos por um antigo jogador

A NOSSO pedido, teve a gentileza de redigir as suas lembranças sobre a origem do futebol em Vila Real de Santo António — não sabemos se a primeira terra do Algarve onde ele se praticou — o nosso estimado conterrâneo sr. Manuel Pedro dos Santos Andrade, 1.º sargento da Armada, que foi um dos grandes impulsionadores dessa modalidade desportiva e um dos melhores jogadores do seu tempo.

Eis as suas lembranças:

Como tudo quanto é prometido é devido, eis-me aqui a revolver a poeira do passado, na esperança de descortinar a quem coube a honra de ter introduzido, na nossa terra, a prática do futebol. A cerca de 50 anos de distância, difícil será o poder indicar, com exactidão, a entidade a quem ela cabe.

A minha lembrança vacila bastante neste ponto, porque esbarra em três elementos, podendo atribuir-se a qualquer deles a primazia.

1.º — Teria sido o sr. Henry Whitwine o industrial? Tudo leva a crer que sim, por ter sido um súbdito inglês, cuja nação foi a criadora desta modalidade desportiva.

2.º — Seria porventura um grupo de rapazes animosos e entusiastas?

3.º — Ou teria sido um grupo de marinheiros (equipa) pertencentes a uma das canhoneiras empregadas no serviço de fiscalização da pesca na costa do Algarve?

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Arrolamento geral de gados e animais de capoeira

Pelo Instituto Nacional de Estatística, em colaboração com a Direcção Geral dos Serviços Pecuários procedeu-se ao arrolamento geral dos gados e animais de capoeira existentes no País, em 15 de Dezembro 1955.

Para este recenseamento, que não envolve qualquer fim tributário, mas sim de pura estatística, foram já distribuídos gratuitamente os respectivos impressos a todos os criadores desta zona da província, devendo os mesmos serem preenchidos com a máxima exactidão.

Tanto os agentes recensadores como os regedores das freguesias devem auxiliar ao seu preenchimento, não devendo haver quaisquer receios de que estas declarações possam ser utilizadas para fins fiscais de tributários.

A EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO EM ANGOLA

VISTA PELO MINISTRO DO ULTRAMAR

Por A. DE FREITAS

O Sr. prof. Raul Ventura, actual titular da pasta ultramarina, fez, há dias, durante o acto solene da assinatura do contrato para a exploração do petróleo em Angola, importantes declarações que nos apraz salientar e comentar, pela sua indiscutível oportunidade. Dessa exploração depende, em parte considerável, como é óbvio, a prosperidade futura daquela província ultramarina, a mais vasta e produtiva do Império português. Mas, se ela interessa, especialmente, a Angola, que será, naturalmente, a sua primeira e mais directa beneficiária, não interessa menos ao conjunto do Império português, sabendo-se, como se sabe, que o petróleo constitui, na era presente, um dos mais poderosos facto-

res de riqueza e, portanto, de fomento económico dum país. As importantes declarações do Ministro do Ultramar assumem, pois, por todos os títulos, excepcional actualidade e revestem-se dum interesse público que seria perfeitamente ocioso encarecer.

Em 1953, foi outorgado, entre a Província e a Companhia de Combustíveis do Lobito, um contrato para a exploração do petróleo em Angola, do qual o de agora é adicional. Por esse contrato inicial se concedeu, em regime de exclusividade, a pesquisa e exploração, em áreas determinadas, de jazigos de hidrocarbonetos, designadamente petróleo, nafta e gás natural. O novo contrato regula a constituição do capital da sociedade exploradora: novecentos mil contos representados por outras tantas acções de mil escudos cada, das quais 55% serão subscritas por entidades portuguesas; a Companhia dos Combustíveis do Lobito, par si ou juntamente com a Companhia Industrial do Lobito, não

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

Dr. Alonso Vasques

Encontra-se um pouco melhor de saúde o ilustre presidente deste Município, sr. dr. Alonso Vasques, que, no entanto, ainda não pode sair da sua residência.

Auguramos-lhe pronto e completo restabelecimento.

HOMENAGEM À PROFESSORA

D. Maria dos Anjos Neves

Correspondendo à iniciativa lançada a público no nosso número anterior, temos recebido diversos aplausos de várias pessoas pelo relevo que demos ao projectado acto de homenagem à bem-querida professora que passou agora à inactividade.

Também alguns antigos alunos têm vindo espontaneamente colaborar neste gesto de gratidão e simpatia, enviando-nos directamente as suas ofertas para a compra duma artística prenda, que, em nome de todos, será entregue à sr.ª professora D. Maria dos Anjos.

Damos hoje nota de mais as seguintes contribuições:

Transporte	160\$00
José Barão (Lisboa)	20\$00
Artur Aleixo Horta, residente em Loulé	20\$00
D. Rita Rosa Alves Mestre Francisco Viegas, residente em Setúbal	10\$00
Manuel Rodrigues A'lvares	20\$00
Manuel da Cruz Rodrigues	50\$00
A transportar	330\$00

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Vindo da Índia Portuguesa, onde se encontrava integrado nas forças expedicionárias metropolitanas, chegou a esta vila o nosso estimado contranaveiro sr. Norberto Carlos Pereira Leitão, furlito do Exército.

A chegada do paquete «Quanza», foram à capital assistir ao desembarque os seus pais, sr. Casimiro dos Santos Leitão e sua esposa D. Dominga Pereira Leitão, os quais acompanharam o seu filho no regresso a esta vila.

Com curta demora, esteve nesta vila o sr. António Alexandrino M. Cavaco, nosso estimado assinante em Odeleite.

Regressou de Goa, Índia Portuguesa, o nosso estimado assinante 2.º tenente sr. Manuel Francisco dos Santos Domingues, residente em Algés.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. José Manuel Baptista, 1.º cabo paraquedista, em serviço na base da Carregueira.

Da sua quinta em Alcantarilha, onde passou uma temporada, já regressou a esta vila a sr.ª D. Antónia Viegas Rosa, acompanhada de sua neta, D. Maria Manuela Martins Rosa.

Esteve em Faro a nossa prezada assinante, sr.ª D. Luísa Alves Nunes, professora em S. Bartolomeu.

Em casa de sua família, encontra-se nesta vila, a passar as férias do Natal o sr. Vitoriano Martinho Rufino, nosso prezado assinante em Lisboa.

MARCO DO CORREIO

Ex.º Sr. Aníbal Ferreira Brea — Lisboa

Recebemos a sua carta de 6 do corrente e a quantia de 50\$00, ficando paga a sua assinatura até ao n.º 172, pelo que apresentamos os nossos agradecimentos.

Ex.º Sr. Artur Aleixo Horta — Loulé

Em nosso poder sua carta de 12 do corrente e cheque de 50\$00, sendo 10\$00 para pagamento da sua assinatura, até ao n.º 150, e 20\$00 para contribuir na compra da oferta à sr.ª D. Maria dos Anjos Neves.

Ex.º Sr. 2.º Ten. Manuel Francisco dos Santos Domingues — Algés

Temos presente sua carta de 4 do corrente, e bem assim a quantia de 70\$00, ficando a vossa assinatura paga até ao n.º 151.

Ex.º Sr.ª D. Aureliana Carlota Nobre — Lisboa

Recebemos seu postal de 6 do corrente, que muito agradecemos, e com muito gosto atendemos o seu pedido.

Ex.º Sr. João de Sousa Oliva — Lisboa

Conforme vossa pedido, anotamos a nova morada e, bem assim, a rua para onde devemos enviar os n.ºs recibos, pelo que agradecemos.

Ex.º Sr. António dos Santos Brito — Lisboa

Tomámos boa nota do seu novo endereço.

Ex.º Sr. Agostinho Martins da Rosa — Portimão

Tomámos a devida nota da sua nova direcção.

CINE-POZ

Apresenta hoje, 18, o grandioso filme português PARABENS, SR. VICENTE, com Santos Carvalho, Ana Paula, Maria Olgum e Virgílio Teixeira.

A história simples dum homem bondoso, que não acredita na maldade do mundo nem na ingratidão dos outros. Ele fazia bem a toda a gente, mas quando precisou... ficou a saber quais eram os seus amigos.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 15 anos).

Quinta-feira, 22, o magistral filme mexicano TENS DE VIVER, com Libertad Lamarque, Miguel Torruco e Joaquim Cordero.

Um problema amoroso que todas as mulheres compreenderão e todos os homens admirarão. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Pesca da albacora Apareceram as primeiras albacoras ao largo de Sesimbra, mas a pesca tem sido muito reduzida em consequência de não haver sardinha para isco. A sardinha enviada de Peniche para o efeito não chega nas devidas condições, pelo que os pescadores não podem capturar o apreciado e valioso peixe tão preferido pelos nossos industriais.

Distribuição dos produtos alimentares De 18 a 22 de Junho do próximo ano, realiza-se em Roma o III Congresso Internacional da Distribuição dos Produtos Alimentares. Técnicos de pelo menos vinte países fornecerão esclarecimentos aos visitantes das exposições técnico-didácticas que se efectuam simultaneamente. Creemos que os nossos industriais de embalagens, quer de metal quer de cartão ou de papel, assim como os industriais de conservas e frutos secos (em especial os que desvalorizam a amêndoa com a exposição à humidade e salinidade do mar) aproveitarão com uma visita a Roma nos dias indicados.

A secretaria do Congresso funciona na capital italiana, Lungotevere degli Anguillara, 9.

A pesca em Itália Depois da agricultura e da indústria, a pesca é a terceira actividade económica da Itália. Segundo a estatística que temos presente, as pessoas que no ano findo viviam da pesca totalizavam o número de 145.002, dos quais 121.737 eram pescadores. O número de barcos ascendia a 47.212, dos quais 38.426 a remo e à vela; 6.058 a motor e 2.733 navios de arrasto ou pesca longínqua. A tonelagem de todos estes barcos subia a 143.634. Verificou-se no ano findo uma diminuição de 898 barcos de vela e remo e um aumento de 866 barcos a motor e 109 navios de arrasto.

A produção total da pesca foi de 1.564.772 quintais, inferior em 41.759 quintais em relação ao ano de 1953. O consumo de produtos icticos, que era de 5,970 quilos por habitante, em 1951, subiu para 6,060 em 1954.

O atum pescado no ano findo, em Itália, pelas armadas e outras artes totalizou o peso de 24.820 quintais, idêntico ao de 1953,

que somou 24.870 quintais, e muito superior ao de 1952, que não foi além de 17.680 quintais.

O total dos produtos icticos consumidos pela Itália, em 1954, foi de 289.617 toneladas, no valor de 59.183 milhões de liras.

A exportação no mesmo ano totalizou 995 toneladas, no valor de 516 milhões, incluindo-se nesta, provavelmente, o atum congelado dos navios portugueses que depois de enlatado, seguiu o rumo da América.

Falta de atum em Itália «Do Jornal do Pescador», em transcrição de «Il Giornale della Pesca», extraímos a seguinte local:

No ano de 1954, a pesca do alto do atum deu bons resultados e reanimou os armadores que se dedicam a esta actividade. Com esta rósea esperança chegou o ano de 1955 que, pelo contrário, se tem caracterizado por completa ausência de atum, lançando em séria crise os atuneiros a motor, quer do Adriático, quer dos outros mares da Itália.

Os primeiros indícios de um mau ano de pesca deram-se durante a campanha da primavera; a qual, salvo algum atum branco esporádico, que aparecia em sitios onde nunca se tinha imaginado, não deu nenhuma jornada regular, como sucedia nos anos anteriores. Houve embarcações que durante toda aquela campanha não chegaram a molhar as redes.

A campanha de pesca do Verão-Outono tem sido ainda mais desastrosa do que a anterior e colocado em situação crítica os armadores e pescadores. Chegamos a notícia de que muitos dos barcos desarmaram e entre eles as magníficas unidades da Sociedade Triestina da pesca do atum.

A pesca em Vigo No mês passado, foram vendidas na lota de Vigo 5.613 toneladas de peixe, no valor de 28.888.864 pesetas. As espécies de maior rendimento foram: pescadilha, 381.756 quilos, no valor de 5.295.040 pesetas; sardinha, 592.530 quilos, 4.127.573 pesetas; carapau, 839.140 quilos, 2.822.353 pesetas, e pescada, 79.378 quilos, 2.242.316 pesetas.

Conservas na Colômbia Nos primeiros cinco meses deste ano, a Colômbia importou de sardinha e outras conservas de peixe 835.079 quilos, no valor de 1.262.669 pesetas. — J. B.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

CONFECÇÕES
Viresa, Lda
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PORTIMÃO

Teatro de Amadores

Está marcada para o fim do corrente mês uma representação levada a cabo pelos estudantes do Externato de Portimão, sob a orientação artística do sr. dr. Campos Coroa, professor do referido estabelecimento de ensino.

Do programa, cuidadosamente elaborado, constarão um auto de Gil Vicente, uma alegoria «A Visitação», para um só personagem, e a comédia em um acto, original do falecido humorista André Brun, «Está lá?...», além de um acto de variedades, apresentado de forma original.

Simultaneamente, um grupo de novos estuda a realização de mais um outro espectáculo, em que se pretende chamar a causa do teatro de amadores novos elementos necessários ao progresso desta arte em Portimão.

Se se levar a bom termo esta outra iniciativa, será interessante verificar-se que o teatro continua a ter em Portimão um terreno propício ao seu desenvolvimento, mau grado e desinteresse duma nova geração pouco afeita, salvo episódicas eraras excepções, às coisas de arte, e apesar do desaparecimento gradual e inevitável dos velhos amadores de que António Jorge e Joaquim Valongo foram, quiçá, os expoentes máximos.

Realizações desta natureza poderão contar sempre com o nosso apoio nesta coluna da cidade de Portimão que, de hoje em diante, passamos, talvez imperfeitamente, a preencher.

Ministério das Corporações

Deu-nos a honra da sua visita a Portimão, tendo pernoitado no Hotel Bela Vista, da Praia da Rocha, o sr. dr. Veiga de Macedo, ilustre titular da pasta das Corporações, que se deslocou ao Algarve em missão oficial.

Um eterno assunto urbanístico

Um dos aspectos da cidade de Portimão, abordados recentemente no nosso colega «Diário do Alentejo», fez-nos recordar que uma das nossas primeiras correspondências para esse jornal — já lá vão anos — referiu-se precisamente ao mesmo assunto — a lamentável incúria que representam as ruínas de um prédio existente outrora na rua Serpa Pinto, à entrada da cidade, e que ainda hoje, mau grado os comentários pouco lisonjeiros que lhe têm sido tecidos, continuam a ostentar o mesmo vergonhoso aspecto, que nos lembra, passe a comparação, uma nódoa em toalha de linho impavavelmente branca.

Correram os anos e a situação mudou-se... Só não mudam os tapumes, sabe-se lá porquê. Hoje, segundo cremos, a entidade responsável por este estado de coisas é a mesma que em tempos evidenciou os seus melhores esforços no sentido de dar solução ao caso — a Câmara Municipal.

A situação, porém, torna-se insustentável, e é caso para se perguntar se não haverá solução para um problema que, de aparência, julgamos relativamente simples.

Uma cidade como a nossa, situada numa tão rica zona de Turismo, não pode nem deve oferecer semelhantes aspectos. — e.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Jornal Magazine» — Foi-nos enviado o n.º 49, referente a Setembro, desta interessante revista, brilhantemente dirigida pelo ilustre jornalista D. Lídia da Fonseca.

Entre diversos e valiosos artigos, insere larga reportagem respeitante à nossa provincia e a alguns valores algarvios; nomeadamente, o nosso contranaveiro António Vicente Campinas, no campo das Letras, e o farense Augusto Sidónio, nas artes plásticas.

O Algarve, desde a Ponta de Sagres até este extremo pombalino, e do litoral, com as suas praias maravilhosas, aos barrancos serranos, ocupa, neste n.º 49 de «Jornal Magazine», elevado número de páginas, profusamente ilustradas. Desde as actividades económicas, as mais diversas, às aspirações de muitas das nossas cidades e vilas, tudo a jornalista soube ver, escutar, sentir, com invulgar espírito de observação, dando-nos imagens que, no seu conjunto, resumem, com perfeito equilíbrio, os mais importantes aspectos da vida algarvia.

A secção «Diga no seu Jornal...» é, para nós, particularmente simpática.

Cumprimentos a distinta jornalista D. Lídia da Fonseca por mais este número de «Jornal Magazine», e, como algarvios, felicitamo-la vivamente pela excelente reportagem sobre a nossa provincia.

TAVIRA

Tabuletas

Consta que a partir do dia 1 de Janeiro de 1956, a Câmara Municipal desta cidade tenciona começar a cobrar mais uma nova licença que incide sobre as tabuletas que as casas comerciais têm afixadas nos seus edifícios. Tal medida não é bem vista, principalmente pelos comerciantes, que estão há já tempo a pagar as suas licenças à Junta Autónoma das Estradas, nas ruas por onde passa a E. N.º 125, e que era detentora desta cobrança, por essas ruas serem da jurisdição da referida Junta. Não faz sentido que se vão pagar duas licenças da mesma causa a duas entidades. Pedem-se providências a quem de direito.

Teatro de Amadores

Na passada quarta-feira, 7 do corrente, realizou-se, pelas 21 horas, no Teatro António Pinheiro, desta cidade, em espectáculo para maiores de 6 anos (?), uma recita levada a efeito pelas alunas do «Externato de Santa Maria». Pelo que ouvimos (pois não nos foi dado assistir a tal espectáculo), as alunas portaram-se à altura do que lhes foi exigido, recebendo muitas ovações no final dos actos.

Pesos e... contrapesos

Estamos absolutamente de acordo com a local com este título, que veio no passado número do «Notícias do Algarve». Aqui por Tavira a coisa corre da mesma maneira. Os padeiros não pesam o pão, e os que andam de porta em porta fazem a mesma coisa. Não basta a ruim qualidade do pão que nos é vendido, senão pagarmos o mesmo mais caro do que a tabela, visto não no-lo fornecerem pesado. Não faz sentido que o consumidor tenha de lembrar ao padeiro a obrigação de pesar o pão que compramos, quando esse mesmo padeiro, no talho ou na mercearia, não recebe os artigos que compra sem serem pesados. Pedimos providências também aqui em Tavira.

Bombeiros Municipais

A corporação dos Bombeiros Municipais de Tavira acaba de ser dotada com dois melhoramentos. Uma sirene eléctrica e uma moderna auto-ambulância. Por informações do comandante dos Bombeiros, sr. José Filipe Ribeiro, que evidenciou os seus melhores esforços para conseguir tais melhoramentos, a aquisição da moderna auto-maca deve-se em parte, à prestimosa influência do sr. dr. Agostinho Pires, ilustre Director Geral da Assistência, que conseguiu uma verba de cerca do quarto do seu custo, tendo a Câmara Municipal de Tavira contribuído com o restante. — e.

ODELEITE

Aniversários

No dia 12 do corrente, completou 17 anos a gentil menina Maria Fernanda Martins Vieira, filha do sr. António Quintino Vieira e da sr.ª D. Antónia Martins Pereira.

Também em 17 do corrente completou 11 anos o seu irmãozinho António Martins Vieira.

Eduarda da Conceição Rodrigues

Sufragando sua alma, foi rezada missa pelo rev. padre Silvério Ferreira da Silva.

A extinta era filha do abastado proprietário sr. José Sebastião Rodrigues.

Telefone

Em tempo foi oficialmente pedido aos C. T. T. um telefone público, chegando, mesmo, a secção técnica daquele organismo a vir a esta aldeia estudar a instalação da respectiva cabina.

Fosse pelo que fosse, são volvidos anos, e o almejado aparelho ainda não apareceu.

Cabe agora a vez aos senhores comerciantes locais, de renovarem o pedido de que tanta falta lhes faz e ao público em geral.

Vimos nesta localidade o sr. Augusto Gomes, proprietário, com residência em Cortes Pereiras - Alcoutim — e.

CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

Devidamente autorizado, começou as suas actividades culturais o Cine-Clube local, a cuja comissão organizadora preside o sr. dr. José M. de Mattos Parreira.

No dia 20 do corrente, realizou-se à noite na sala do Cine-Foz, pelas 21,15 horas, a 5.ª sessão cinematográfica destinada aos associados daquele simpático agrupamento.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 10 a 16 de Dezembro:

TRAINEIRAS	
Flor do Norte . . .	34.300\$00
Brisa	32.375\$00
Flor do Guadiana . . .	25.655\$00
Audaz	25.541\$00
Salvadora	25.480\$00
Maria Rosa	25.203\$00
Pérola do Guadiana . . .	23.290\$00
Tufão	23.165\$00
Sol	21.770\$00
Liberta	21.285\$00
Janita	14.395\$00
Raulito	11.251\$00
Persistente	9.895\$00
Farihão	8.480\$00
Restauração	8.480\$00
Estrela do Sul	8.255\$00
Tozé	7.400\$00
Infante	7.380\$00
Triunfante	4.240\$00
Total	337.840\$00

CERCOS	
Futuro de Olhão	42.755\$00
Amazona	24.625\$00
Total	67.380\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António de 10 a 16 de Dezembro:

Entrados:

CORVO, Português, de 773 ton., de Setúbal, com carga em transito.

Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com enxofre.

VIVES, Inglês, para Londres, com conservas.

CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Dezembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal, por indicação do sr. António de Jesus Sopa, o sr. Manuel Pintor da Silva, residente em Pomaral.

Também, por indicação do sr. António Alexandrino M. Cavaco, inscrevemos como assinante o sr. Jacinto Filipe Madeira, residente em Odeleite.

A todos, os nossos agradecimentos.

ASSINATURAS

Somos a informar os nossos prezados assinantes que estamos procedendo à cobrança das assinaturas da 13.ª série, e também de algumas que estão em atraso.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciarão de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Os assinantes das Provincias Ultramarinas e Estrangeiro, pedimos o especial favor de nos mandarem a importância das suas assinaturas em débito, directamente ou por intermédio de pessoas de sua família residentes em Portugal.

A todos, os nossos agradecimentos.

PORTO
RAINHA SANTA
ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.
Vila Nova de Gaia

VENDE-SE

Por motivo de retirada, uma mobília de sala, piano, candeeiros, serviço de vidros e vários.

Informa na Rua Vasco da Gama, 22 — Vila Real de Santo António.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

AS BATALHAS DE MOUZINHO EM ÁFRICA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

deu-se uma ruidosa tempestade de aplausos, de saudações com manifestações de entusiasmo delirante!

Gungunhana, perante tais acontecimentos, mandou entregar 1.000 libras de ouro, 8 diamantes e todo o gado que andava próximo, dizendo que desta forma talvez o rei dos brancos lhe perdoasse a morte.

Apesar de se ter iniciado o regresso no mesmo dia, com uma marcha de 8 horas, e com extraordinária rapidez, sempre debaixo de chuva, ninguém sentia a fadiga. Toda esta operação militar se desenrolou em três horas; cerca das 7 horas da manhã, efectuava-se o assalto a Chaimite, e, às dez horas já Mouzinho retirava da povoação, levando como prisioneiros: o Gungunhana, as sete favoritas, o régulo Pissane, o velho Molungo, o tio de Gungunhana e seu filho Godide, que vieram para a Metrópole. Mouzinho tinha vibrado o último e mais certo golpe na grave rebelião indígena que vinha pondo em perigo a nossa provincia de Moçambique. Por tal heroicidade, Mouzinho de Albuquerque recebeu efusivas saudações das mais altas individualidades da Metrópole, inclusive do rei e dos membros da familia real.

Mouzinho ficara em África, e como o régulo do Maputo manifestasse, nessa ocasião, desobediência à soberania portuguesa, o governador interino encarregou-o de ir pacificar essa região. Aceitou, e para ali partiu com alguma tropa, acompanhado pelo tenente Sanches de Miranda, que já fora seu dedicado colaborador em Chaimite. Numa marcha velocíssima dominou o régulo, submeteu as povoações e regressou trazendo 1.800 libras em ouro, da cobrança de imposto logo efectuada, e mais de 2.500 cabeças de gado bovino, de multas aplicadas.

Em 18 de Março de 1896, o governo da Metrópole, tomando em atenção os altos serviços de Mouzinho, nomeou-o Governador Geral de Moçambique. Começou, então, a desenvolver intensamente o seu plano de administração. Em 8 de Março de 1897, organizou uma expedição ao norte da provincia contra os Namarrais, e venceu-os em Mocutumudo. Mas a 81 do mesmo mês informavam-no, telegraficamente, de que os chefes vátuas se tinham revoltado em Gaza. O tenente Couto não pudera reprimi-los, o que havia já custado a vida a vários soldados portugueses. Mouzinho acudiu rapidamente ao sul, compreendendo a urgência de apagar o incêndio que se reacendia nas cinzas de Gaza.

Em Lourenço Marques organizou a expedição, que em 10 de Julho de 1879 partiu para Marracuene. Ficou célebre a rapidez desta expedição. Em 82 horas de marcha só tiveram 8 horas e meia de descanso. Afirmou o próprio Mouzinho e outros o confirmaram, que havia sido a maior marcha feita pela cavalaria em África.

No Chibuto tudo se apresentava para o início das operações, não faltando o hospital de sangue, onde a esposa de Mouzinho, que acompanhava seu marido, prestava valiosos serviços, acompanhada por duas irmãs de S. José de Cluny.

As forças portuguesas compunham-se de uma companhia de marinha, uma bateria de artilharia de montanha, um pelotão de cavalaria e uma companhia de infantaria.

No dia 21 de Julho, às 4 horas da manhã, uma columna composta com parte dessas tropas, apoiadas pela companhia de cipaios, comandada por Gomes da Costa, e algumas centenas de auxiliares indígenas, atravessou o rio Xangane para enfrentar 5.000 guerreiros negros comandados pelo famoso chefe vátua Maguiguana. Este combate era grave para os vátuas, pois apresentava a última possibilidade de se imporem no sul de Moçambique; para Portugal, além da questão do prestígio, havia a necessidade imperiosa de eliminar insurreições, jogando Mouzinho os seus brrios de militar e de Governador.

A columna portuguesa, ao chegar à planície de Macontene, fez alto, formando em quadrado. Quando os vátuas estavam a 1.000 metros, Mouzinho mandou iniciar o combate com a artilharia. No entanto, o inimigo continuava a avançar sempre e só a uma distância de duzentos metros pareceu hesitar; «foi nesse momento que Mouzinho mandou cessar fogo e, rapidamente, saindo com o Estado-Maior e a cavalaria do quadrado, rompeu, violentamente, numa carga que pôs o adversário em debandada, correndo desorientado e vencido à frente das patas dos cavalos. O combate de Macontene terminara rápida e vitoriosamente para os portugueses, graças a essa carga de cavalaria comandada por Mouzinho. Esta carga foi considerada a melhor que se deu em campanhas coloniais, dizendo o general Sebastião Teles: «a campanha de Gaza define as qualidades de Mouzinho e mostra como ele possuía todas as que constituem um bom general».

Vergílio Passos

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO (ZONA SUL)

Olhanense, 3 — Coruchense, 1

Bom jogo entre duas excelentes equipas

Para a 2.ª jornada da segunda volta do Campeonato Nacional da II Divisão, efectuou-se em Olhão, no passado Domingo, o encontro entre as equipas do Sporting Clube Olhanense e do Grupo Desportivo Coruchense, triunfando mercêdamente a turma local por três bolas a uma.

O primeiro tempo terminou com os grupos empatados, obtendo, pelo Olhanense, Ângelo e pelo Coruchense, Julinho.

No segundo tempo, registaram-se então os dois golos que viriam a dar os dois preciosos pontos ao Olhanense, sendo Simões e novamente Ângelo os seus marcadores.

O Estádio Padinha com este encontro registou invulgar assistência de espectadores, sendo até este momento a maior enchente deste ano. Na verdade, o excelente empate alcançado pelos algarvios em Lisboa, frente ao Estoril, muito veio contribuir para que se registasse tão grande assistência.

Todos quantos demandaram o Estádio Padinha deram por bem empregado o seu tempo, dado que o jogo foi emotivo, bastante agradável de seguir e teve fases de bom futebol. De tal modo que nem o

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que António Isidoro Dias, requereu licença para instalar uma oficina de serralharia com soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de explosão e de incêndio, situada na Rua dos Centenários, n.º 26, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, e dentro do prazo de 80 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 29 de Novembro de 1955.

O eng.º-chefe da Circunscrição

João António da S. Graça Martins

fraco trabalho do árbitro, com uma série de erros de vulto, a provocarem fartos e justificados protestos dos jogadores e da assistência, foi capaz de diluir a magnífica exibição dos grupos e a boa impressão recolhida da partida.

Na verdade, qualquer dos contendores jogou bom futebol, e com muito apego à luta e sobretudo com muita rapidez, saindo vencedores os jovens olhanenses por «aguentarem» os noventa minutos, ao passo que os visitantes deram-se por vencidos por falta de pernas.

Ganhar ao Coruchense é para qualquer grupo uma grande glória, pois não esqueçamos que o grupo é formado por jogadores de real classe, como Sérgio, Rocha, Veríssimo, Julinho, internacionais, e ainda por Narciso e Manuel Jorge, jogadores de categoria em qualquer equipa da primeira Divisão. Por isto, é de realçar o excelente triunfo da mais jovem equipa da II Divisão. Na verdade, o Olhanense que presentemente conta com uma equipa de jovens está a cometer proezas de vulto, muito contribuindo para isso o seu competente treinador Rafael Pineda.

Na equipa do Coruchense, onde Julinho e Veríssimo jogaram a grande altura, os restantes tiveram bom trabalho. Nos vencedores, a base do triunfo esteve, sem dúvida alguma, na tática que empregaram e que muitos espectadores não viram ou pelo menos fizeram por não ver. Sim! A equipa do Olhanense levou para o rectângulo uma lição estudada, que lhe deu o triunfo, salientando-se por serem os mais combativos os jogadores Reina, Poira, Bento e Cavas. Ângelo no capítulo de remate também agradeceu. De resto, tanto Parra como Simões, Rangel, Ezequiel, Abade e Tavares jogaram bem.

A arbitragem foi infeliz ao máximo.

Portimonense, 1 — Estoril, 1

(Suspensão aos 20 minutos do 2.º tempo)

O encontro de futebol que se realizou em Portimão entre o grupo local e o Estoril Praia foi adiado havia 20 minutos da segunda parte. A decisão do árbitro foi boa, porquanto a chuva era demasiada e o campo encontrava-se em péssimo estado para a prática do futebol.

Oriental, 5 — Farense, 1

Infeliz exibição dos farenenses

O resultado alcançado pelos lisboetas frente ao grupo de Faro foi, na verdade, bastante severo, porquanto os algarvios jogaram sempre com vontade e muito entusiasmo, faltando na equipa visitante o factor sorte. Se esse factor estivesse a seu lado, o resultado seria desde logo outro...

Heroullano Valente

Às Ex.ªs Senhoras

O cabeleireiro ETELBERTO participa a todas as suas Ex.ªs Clientes e a todas as senhoras em geral que executa os mais modernos cortes, permanentes e penteados.

«O erro fundamental está em isolar o cinema das outras formas de actividade geral, o sobretudo — estudando-o — pretendendo arrancá-lo às suas dependências económicas.»

Léon Moussinac

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

O movimento dos cine-clubes cresce e amplia-se

ESTE ano de 1955, que está a aproximar-se do seu termo, assinala uma era nova na expansão da cultura cinematográfica em Portugal. Nas mais diversas cidades e vilas do País, nasceram cine-clubes que promovem regularmente sessões cinematográficas privadas para os seus associados, com programas esclarecedores, mostrando os vários aspectos artísticos, técnicos, estéticos e sociais que uma obra de arte contém. Valoriza-se assim o espectáculo de cinema, que se torna mais do que um mero passatempo para as horas dispendíveis e contribui decisivamente para a cultura de mais de 12.000 espectadores. Em novas localidades cresce um entusiasmo forte pela criação de cine-clubes locais, podendo este movimento classificar-se de um movimento nacional. A Comissão Consultiva dos cine-clubes portugueses, nascida do Encontro realizado em Coimbra, está coordenando os esforços dos cine-clubes no sentido de dar realização às suas mais prementes necessidades, abolindo as limitações, as dificuldades e os entraves que ainda se lhe preten-

dem opor. O movimento dos cine-clubes cresce e amplia-se, e nada o poderá deter.

Faro também vai ter o seu cine-clube

Assinados por alguns dos nomes mais ilustres dos meios culturais da capital do Algarve, foram remetidos às entidades superiores os Estatutos do Cine-Clube de Faro. Com este importante passo, aguarda-se para breve o início das actividades do 2.º cine-clube da nossa provincia.

Três cinemas de Lisboa organizem tardes culturais

O movimento dos cine-clubes alcança presentemente uma importância cultural de tal ordem que 3 cinemas de Lisboa — Tivoli, Capitólio e Império — estão a organizar presentemente, todas as semanas, sessões de cinema com carácter selectivo e cultural. Se bem que estas sessões não estejam estruturadas em bases cine-clubistas, é incontestável que foram influenciadas por este movimento e que têm aspectos positivos que não é demais enaltecer, pois proporcionam ao público a oportunidade de ver algumas obras cinematográficas que raras vezes são projectadas em sessões comerciais normais.

O cinema que nós não vemos (1)

Sob esta rubrica, vamos passar a publicar, semanalmente, imagens de filmes inéditos em Portugal e cuja importância na história do cinema é assinalada lá fora como fundamental.



Le diable au corps (1946), com Gérard Philipe e Micheline Presle, é a obra-prima de Autant Lara e um dos mais importantes filmes do cinema contemporâneo. Os filmes de Autant Lara, incluindo o recente Le bleu en herbe, são desconhecidos em Portugal, com excepção de Sílvia e o Fantasma e Coração Impaciente.

A CONSTRUÇÃO DO CENTRO SOCIAL DE QUARTEIRA

QUARTEIRA, que tem matriculados na sua Delegação Marítima cerca de 800 pescadores, metade dos quais exercem a actividade nos outros portos do País, desde Matosinhos até Vila Real de Santo António, foi recentemente beneficiada com a próxima construção dum Centro Social, obra que foi à praça no dia 5 do corrente, na base de licitação de 614.488\$00.

Além dos serviços clínicos e farmacêuticos, actualmente existentes, devem também ficar instalados, no edificio a construir, uma escola rudimentar de pesca e uma Casa de Trabalho para as filhas dos pescadores.

Com a escola, aumentarão decerto os conhecimentos náuticos dos pescadores, habilitar-se-ão no manejo dos motores a instalar a bordo dos seus botes para a pesca de maior distância da costa, na utilização da bússola, no manuseamento das cartas de pesca, no conhecimento da natureza dos fundos, rochosos ou não, no conhecimento das linhas batimétricas, etc. A pesca vendida em Quarteira, que no triénio de 1951-1953 foi de 4.478 contos, subiu em 1954 para 5.909 con-

tos, mas desceu no corrente ano, e segundo a pesca feita até 1 de Novembro findo, para 3.891 contos.

Deste modo, o rendimento médio mensal da pesca vendida, por pescador de Quarteira, baixou de 1.056\$40, no ano passado, para 606\$90, no corrente ano, sendo fora de dúvida que se os rendimentos não eram muito elevados em 1954, são maus no corrente ano, para poderem pagar a conservação e amortização dos barcos e redes, o salário do pescador e o lucro do empresário.

Por isso se justifica a urgência da motorização das artes de pesca locais, ao abrigo dos auxílios do Fundo de Renovação e Apetrechamento da Pesca.

Por outro lado, o número elevado de pescadores matriculados em Quarteira, sem emprego neste porto, leva-nos a pedir aos centros piscatórios, como o de Vila Real de Santo António, que possui hoje uma das maiores frotas pesqueiras do Algarve e o maior volume de peixe vendido na sua lota, no triénio de 1951/53, que se não esqueçam de dar trabalho aos pescadores naturais de Quarteira.

A. S. Pontes

ESPINGARDARIA ALGARVE-Tavira DE VIUVA & FILHOS DE JOSÉ VIEGAS MANSINHO



IMPORTAÇÃO DIRECTA de espingardas, carabinas, pistolas e revólveres das mais acreditadas marcas.

Oficina de reparação de armas e de carregamento de cartuchos por sistema eléctrico, dirigida por técnicos competantísimos.

REPRESENTANTE EXCLUSIVA, no Algarve, da mais acreditada e perfeita PISTOLA DE ALARME R G, última palavra da indústria alemã

Preços sem competência, e especiais para revenda

MERCEDES
é a última palavra da técnica
Alema em máquinas de escrever



Agente no Algarve:
J. SANTOS STOCKLER
FARO
Aceitam-se sub-agentes
em todo o Algarve

AS LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vel este facto, mas, infelizmente, é uma verdade e representa a maior anomalia dos transportes ferroviários portugueses. É inadmissível que nesta época de velozes comunicações, sejam precisas 24 horas para ligar o Porto ao Algarve, distância que pouco excede 600 quilómetros! Este assunto torna-se ainda mais incompreensível pelo motivo de facilmente ser remediado, se se quiser. A reconhecida utilidade dos caminhos de ferro leva-nos a observar que só a melhoria dos seus serviços e a sua natural evolução podem atrair usuários e, portanto, fomentar receitas, numa época em que os transportes rodoviários estabelecem concorrência.

Quanto às ligações do Norte com a nossa província mais meridional, desde que as vias sofram o imprescindível beneficiamento, não seria difícil, a nosso ver, reduzir a pouco mais de 9 horas uma viagem que presentemente, entre o Porto e Vila Real de Santo António, demora cerca de 24 horas. Para isso seria conveniente que o comboio «foguete», da manhã, saísse do Porto 1 hora mais cedo, isto é, às 8 h. e 20 m. Às 12 horas, aproximadamente, estaria o «foguete» no Setil, e aí se fazia o transbordo dos passageiros do Alentejo e Algarve para uma automotora, cuja média de velocidade horária (evidentemente mais baixa que a do «foguete») podia assegurar a chegada a Tunes cerca das 16 horas e 30 minutos.

Com o melhor intuito fazemos esta sugestão a C. P., no desejo de ver atendidos os lógicos interesses e o melhor intercâmbio das populações nortenhas e algarvias que, vivendo no mesmo país e distanciadas apenas poucas centenas de quilómetros, estão mais longe, no tempo, do que se vivem num e noutro lado do Atlântico, separadas por 5.000 quilómetros de distância.

Não há a acrescentar a estas expressivas palavras senão o nosso caloroso aplauso e os votos de que a sugestão formulada tenha mais êxito das que temos apresentado para acabar com a vergonha das ligações ferroviárias entre o Algarve e Lisboa.

E, a propósito, aproveitamos para informar os nossos prezados leitores que vem aí mais uma dose de semi-directo, pitorescamente conhecido por rápido. A dose diária começa na quarta-feira e prolonga-se por uns dias.

Visado pela Comissão de Censura

VISITA

DE PROFESSORES ESPANHÓIS

No passado dia 27 de Novembro, foi a nossa terra visitada por um grupo de distintas personalidades do país vizinho, que se deslocaram aqui em viagem de estudo.

Constituiu o grupo visitante o corpo docente do «Instituto Laboral», de Aiámonte, representado pelos srs. D. Juan Fernandez y Fernandez, seu ilustre director, rev. Padre D. Fernando Larrainza Celajeta, D. Carmen Sigler Jiménez, D. Pilar Millana Soriano e D. Ignacio Fernandez Garcia, todos professores. Acompanhando o corpo professoral, veio também o nosso distinto colega na imprensa, sr. D. Manuel Faria Sousa, de Aiámonte.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO III N.º 132

DOMINGO

18 - Dezembro - 1955

Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando E. Cruz

A MISSÃO DA POESIA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

... Ideia que me embriaga nos
[perfumes de si mesma,
ideia que adormece prostrada
[num conforto...
... Ânsia que se revolve, e grita,
ânsia que se masturba... e se
[julga saciada!
Minha ideia! Minha ânsia de
[renovo!

— Luz votiva...
chama do peito, que se eleva...
[não sei pra quê...
luz votiva, que arde... e não
[aquece.

— Minha ideia! Minha ânsia
[de renovo!

Vibrai,
Crescei,
explodi correndo plos meus
[braços,
saltando plas minhas mãos!
Convertei-vos numa força em
[movimento!
— Convertei-vos em acção!

De resto, nós julgamos que o melhor caminho da poesia moderna é o que mostra a face humana da vida e não aquele que se serve de termos mais ou menos políticos e agressivos como linguagem tradutora dos reais anseios do homem, porque a poesia não se pode imbuir de sentimentos mesquinhos, quando tem uma outra missão muito mais alta e importante, que é irmanar todos os homens, sem preocupações de religião, raça, cor ou filiações políticas.

A maior parte dos poetas modernos sente como Torga:

Não me dói nada de meu parti-
[cular.
Peno cilícios da comunidade.
Água dum rio doce, entrei no
[mar
e salguei-me no sal da imen-
[sidade.

Dei o sossego às ondas
da multidão.
E agora tenho chagras
no coração
e uma angústia secreta.

Mas não podia, lírico poeta,
ficar, de aena, a exercitar o
[ouvido,
longe do mundo e longe do ruído.

ou, então, como Garcez da Silva:
É PRECISO MAIS UM HOMEM

Quando a vida lateja em seu
[redor,
quando os carros se cruzam
[chocam
na curva do caminho...
e os homens, convulsos,
se ferem na luta dos homens...
— o poeta não pode ficar com
[os olhos perdidos
nas imagens românticas do es-
[pelho dum lago...

— Poeta,
ergue-te e anda!

Bate às portas
com a força inteira dos teus
[punhos
e grita

com o som novo dos teus ver-
[sos: — Abalai!
E vai com eles, poeta!
E que a tua voz a entendam
[os homens todos!
E que os teus versos não mais
[sejam aromas...
mas o grito ardente dos homens,
afirmando o querer de todas as
[vontades!

— Poeta,
para além dos muros pintados,
onde o teu espírito habita,
há o campo imenso das lutas,
[que vais sentir!
Para além do eco dos teus ver-
[sos antigos,
ressoa, germinando, a vida
[nova!

Bate às portas e grita: — Abalai!
E vai com eles, poeta!
Os homens precisam de mais
[um homem
não desertes — vai também!

Atraiçoa a sua missão na vida todo o poeta que busca apresentar-nos uma poesia falsa que vise unicamente um efeito meramente poético, ou melhor, artificial, etéreo, irreal, porque a poesia está nos humildes e nas coisas simples, tem de ser, forçosamente, muito mais do que esses florilégios de palavras ocas, tal como jóias vistosas e falsas. A poesia tem de ser uma mensagem sentida que o poeta transmite aos homens, seus semelhantes, nos quais deve ter posto o pensamento quando cria a poesia.

Deste modo a poesia tem ou deve ter como missão o estabelecimento de um ponto de contacto, de identificação, entre o poeta e os homens.

Não se pode considerar como poesia os já velhos e gastos suspiros à Elvira, ou aquela outra panaceia que um certo menino louro nos quer impingir e que faz as delícias dos salões mais ou menos mundanos.

O que interessa ao homem da rua, àquele que constitui a multidão anónima e que luta por uma melhor posição na vida, é a poesia rude e franca de um Torga, de um Muralha e de vários e muitos outros poetas da geração presente, mas daquela geração que tem os pés bem fincados na terra, nesta terra que todos nós pisamos, mas que só alguns possuem.

Portanto, para que me não torne muito maçador perante os bons amigos que têm a bondade de me escutar nesta sala da simpática Caixa Económica Operária, direi, resumidamente, que na poesia moderna subscrita pelos poetas jovens mais representativos, não é difícil encontrar uma mensagem de anseio social, de desejo de reformar o que existe e que, desde há muito, se mostrou como obstáculo, senão mesmo como fonte destruidora, à imposição de um ideal verdadeiramente humano que traga a cada um de nós, humildes trabalhadores, o lugar que, de facto e de direito, nos pertence, como homens, como cidadãos do mundo.

Cada poeta moderno que seja objectivamente representativo, porque os outros, afinal, nada representam e só são lidos, escutados e admirados pelos parasitas que eles próprios personificam, é um verdadeiro paladino dos direitos fundamentais do homem, reconhecidos já em tantíssimas convenções desde há décadas, mas jamais em tempo e em parte alguns postos em prática. Até por esta razão existem poetas livres em toda a parte do mundo: na França como na Espanha, em Portugal como na China, na Hungria como nos Estados Unidos da América, na Jugoslávia como na Inglaterra.

Resumindo, em síntese, diremos que o que mais interessa focar, ainda que esporadicamente, no que respeita à poesia moderna, não será a sua discutidíssima posição estética, mas a mensagem social que ela, com raríssimas excepções, quase sempre representadas pela camada retrógrada da sociedade, através da voz esclarecida, e porventura esclarecedora, dos poetas que no-la transmitem, nos dirigem. Na verdade, quase sempre encontramos na poesia moderna um chamado às realidades da vida sem que sejam alheias dela os seus problemas e as suas consequências sociais; nela humanamente se retrata, sem retoques que a desvirtuem, a vida dos humildes e desherdados ou, simplesmente, daqueles que pretendem alcançar um bem-estar relativo, uma segurança plena, de que é justo gozarem todos os mortais.

O poeta moderno não se amarra a um comodismo fácil nem a uma posição puramente poética ou paradisíaca perante a vida, não cede passo à pura fantasia ou ao absurdo e estúpido alheamento do realismo social de uma época ou de uma transição histórica, ou até mesmo a um atavismo incompreensível perante a angustiante panorâmica de uma situação social que impõe uma revolução sem armas, que a transmude, para a paz e o bem estar de toda a humanidade sofredora. O poeta moderno não pode ficar alheio à sua extraordinária responsabilidade como homem do presente e, cónscio da sua missão, lança a sua mensagem, que se destina, principalmente, ao homem comum, ao chamado, e não sem razão, «homem da rua», porque é ele, verdadeiramente, quem mais necessita dessa mensagem. Daqui, porém, parte um dos mais graves problemas da actualidade, é que esse «homem da rua», precisamente por ser quem mais necessita da mensagem do poeta, é quem menos preparado está para a compreender. Deste modo torna-se indispensável não somente divulgar, tanto quanto possível, a poesia moderna, como traduzi-la em linguagem corrente, capaz de ser apercibida pelo «homem da rua», através de interpretações exactas e simples, não só na forma como na linguagem: nada de preciosismos tolos nem rebuscados discursos que apenas visem a demonstração do saber de quem os profere ou, então, de um falso surrealismo de pseudo-arte e de duvidosa independência estética e não menos duvidosa consciência crítico-social.

Quanto à forma da poesia moderna, podemos assegurar, apenas para os menos familiarizados com ela, que o poeta, ao criá-la,

Elementos Curiosos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Recordo-me, perfeitamente, de ter visto estes últimos jogarem no campo fronteiriço ao edifício do dr. Abecassis, aí por volta do ano de 1910 (meses de Outubro ou Novembro).

Contudo, tenho uma reminiscência, bastante vaga na minha memória, de ter visto, já antes dos marinheiros, um grupo de rapazes — alguns já homens feitos — a pontapear numa bola, ali na horta do tio Rafael, nas traseiras da fábrica Ramirez e junto à estrada que partia do caminho do Cemitério para a estação dos Caminhos de Ferro.

Não obstante o terreno ser quase todo arenoso, existia ao tempo, um bocado dele revestido de erva, que muito embora não possuísse as dimensões apropriadas — nessa época não se olhava a essas... ninharias — era, contudo, o suficiente para o fim em vista: dar pontapés na bola.

Os primeiros praticantes do futebol em Vila Real de Santo António

Faziam parte do citado grupo, se não estou em erro, os seguintes: Joaquim da Cruz, (+); Rosa, dos Correios; Apolinário Cândido de Andrade, (+); Ricardo Garcês?, (barbeiro); o sr. Henrique da Estação?, (como era mais conhecido na terra); (Júlio Mendes?), e outros que fugiram de todo da minha lembrança já bastante enevoada neste ponto.

Por ali continuavam, por algum tempo, esses caloiros inexperientes, mas entusiastas, a dar pontapés na bola, quando não sucedia darem-nos na atmosfera com o consequente trambulhão, para gáudio da fraca assistência, constituída por curiosos, mais ignorantes ainda das normas do jogo e de movimentar a bola, do que aqueles que voluntariamente lhes proporcionavam um espectáculo de borla.

E quando o falhanço apanhava a canela do parceiro em vez da bola? Isso, então, era de gritos! Digno de ver o atingido, de perna alçada com as mãos ambas... e não com ambas as mãos, a apertá-la e aos saltinhos, até estabelecer-se no chão...

Tantes peripécias e tantos comentários absurdos da parte da assistência...

Esses rapazes — alguns deles já homens feitos — continuaram nos seus treinos, nesse mesmo lo-

A EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

podará subscrever menos de 11,67 do capital; um número de acções igual ao das que as duas companhias subscreverem será oferecido à subscrição particular, por intermédio das instituições bancárias. A província de Angola beneficiará de quase metade dos lucros líquidos anuais, o que permite avaliar o grau de desenvolvimento material que Angola vai alcançar, graças à Providência que lhe pôs no solo úbere um dos mais preciosos produtos do nosso tempo.

Quando se noticiou que em Angola haviam sido descobertas jazidas de petróleo, não se fez ao extraordinário acontecimento a merecida publicidade. Resultado: a maior parte do público português ignora que uma das partes componentes do Império português é detentora duma riqueza mineral de tal monta, o que para Portugal assume especial significado. Só agora, através das palavras elucidativas do sr. prof. Raul Ventura, se ficou a saber a espécie de tesouro que nos coubera em sorte e que, por se traduzir em vantagens para a Nação, não pode nem deve ser-nos, de modo algum, indiferente. Explicou, agora, aquele membro do Governo que, em 12 de Abril deste ano, num furo de sondagem realizado na região de Benica, perto de Luanda, o petróleo apareceu. A Companhia comuni-

pretendeu apenas, e muito acertadamente, livrar-se de todas as mesquinhas limitações que lhe eram impostas por uma poesia decadente que já não podia representar uma época profundamente dinâmica e veloz, onde cada hesitação, cada minuto que se perde, representa retrocesso na marcha encetada no caminho do progresso, rumo a um porvir melhor, dando-nos, desta forma uma mensagem mais de harmonia com a sua personalidade e desejo de sinceramente contribuir para a luta que se está travando no campo ideológico e social da nossa época.

José dos Santos Marques

cal, durante uma certa temporada. Depois, resolveram mudar-se para o terreno barrento da Baixamar (Avenida da República), por ser terreno mais consistente e, por consequência, mais próprio, tanto mais que o outro ia já aparecendo com muita areia solta, pela ausência da erva.

O calafate Albano deu um golpe de misericórdia na prática da bola

Existia, ao tempo, ali na Baixamar, uma colónia de carvoeiros de Mértola e ao lado, no sentido do poente, uma porção de madeira pertencente ao calafate Albano (Estopa Albano), madeira que se destinava, como sabemos, à construção de embarcações de pequeno calado.

Uma tarde, depois de muitas outras, durante um dos treinos, se não havia de calhar, calhou a bola ir várias vezes para junto do calafate que ali se encontrava com o seu machado... tão afinado que parecia uma navalha de barba. Uma vez a bola batia no homem, outras não, ficando esta debaixo dele a rodopiar, junto da madeira que aparelhava, em risco de ser cortada pelo machado.

Já aborrecido por ter afastado a bola tantas vezes, avisou a rapaziada que tivesse cuidado em não deixar ir a bola ter com ele, pois o prejudicava no seu trabalho; caso contrário, cortava-a.

Ora aqui foi limpinho! Daí a pouco estava a bola quase feita em duas!

Eu encontrava-me próximo do calafate, tendo observado tudo desde o princípio. A bola foi rolando para junto dele, que continuava aparelhando a madeira, e encostou-se a esta. E então ele, em lugar de continuar a aparelhar a madeira, como até ali, aparelhou a bola com o último golpe de machado executado nessa tarde.

E ainda bem que felizmente não aparelhou a cabeça a nenhum deles, pois vi o caso mal parado. Felizmente, não houve consequências de maior monta, a não ser uma discussão bastante acalorada.

E com este desfecho terminou, infelizmente, o entusiasmo daqueles rapazes.

Manuel Pedro dos Santos Andrade

(Conclui no próximo número)

O PROBLEMA DO ENSINO TÉCNICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mente essas e muitas outras falhas que deram pão a milhões de gerações e ergueram o abrigo a milhões de homens. O operário que as manejava deixou de ter razão de ser. Hoje o homem que trabalha tem que estar apto a lidar com os modernos instrumentos que a técnica cria todos os dias. E se queremos tirar desta força o devido rendimento, temos que ter operários à altura das circunstâncias — temos que ter operários actualizados. E só os termos — e eles são alfitivamente indispensáveis nas regiões progressivas — se as escolas técnicas os prepararem.

A razão que assiste a Vila Real de Santo António, no que respeita ao ensino técnico, está demonstrada até à saciedade e valioso contributo forneceu para cimentar essa razão o ilustre colaborador deste jornal e devoto algarvio, sr. dr. Sousa Pontes. Não vale a pena aduzir mais argumentos.

Feita a rectificação que se impunha, esperamos que no próximo ano possamos agradecer aos srs. ministro e subsecretário da Educação e director geral do Ensino Técnico a criação de uma nova escola ao Sul do Tejo.

José Barão

«OS NOSSOS FILHOS»

Recebemos o número de Novembro de «Os Nossos Filhos», a única Revista para os pais que se publica em Portugal. Tal como os anteriores, este número vem cheio de interesse e ensinamentos para quem lida com crianças. Por ele, vemos também quanto está interessando o País o inquérito que a Revista dirige às crianças, com o título «Se eu tivesse uma varinha de condão...»; e a grande iniciativa «Portugal visto pelas suas crianças».

Mais uma vez recomendamos aos pais e professores a leitura de «Os Nossos Filhos».

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

põe permitem admitir a viabilidade económica da exploração. O resto está encoberto no futuro, para o qual se vai caminhar com prudência e confiança.

Estas palavras sensatas do Ministro do Ultramar, servindo de introito à ampla exposição que, a seguir, fez acerca do contrato assinado para a outorga oficial da exploração petrolífera de Angola, bastam para nos capacitar de que, na verdade, muito há a esperar daquilo que se vai fazer. Não é esta a primeira vez que se fazem tentativas para explorar o petróleo, de cuja existência em Angola havia muito que se tinha notícia. Por isso, o ministro, a rematar o seu elucidativo discurso, afirmou: «Sem risco e sem esperança, não se teria iniciado esta fase de pesquisas, sobretudo depois de, nas mesmas regiões, outras terem desaparecido sem rasto. Provou-se já haver petróleo, onde se dizia que se enterraria dinheiro sem proveito; espero que todos estes esforços sejam recompensados e Angola possa contar com mais uma importante pedra na edificação do seu futuro.» A prudência e a confiança manifestadas pelo Ministro do Ultramar, na exposição feita, deve servir-nos de linha de conduta. Nada de excessivos entusiasmos nem de intempestivos temores. Contudo, tenhamos a certeza, que as próprias palavras ministeriais nos autorizam a ter, de que a prosperidade de Angola e, por conseguinte, a de todo o Império, se as esperanças dos técnicos se confirmarem, vai acentuar-se extraordinariamente, uma vez que o petróleo jorre em abundância e se converta em riqueza para a Província e para a Nação.

A. de Freitas